Psicanálise, Nutrição e Dança

27/09/2018

Coordenação: Alessandra Silveira e Gabriela Barretto

Convidadas: Andréa Fraga e Gabriela Barretto

Tema: O que o sujeito pode saber do seu corpo

Conexão: A escuta de um “corpo” identificado com o sintoma e as possibilidades de fazê-lo deslizar no simbólico.

R. 23 anos, estudante de direito, procura acompanhamento psicológico com a queixa de ter uma mãe “extremamente controladora”. Ao longo das sessões relata momentos e situações da sua infância a começar pela sua dita “recusa do leite materno”. Isto era algo que desde criança escutava de sua mãe em tom de reprovação. Sua mãe lhe dizia, e dizia a todos, segundo a paciente, que não conseguiu amamenta-la.

Diante desses pontos trazidos aparece o motivo de ter procurado um Núcleo de transtornos alimentares: foi diagnosticada pela nutricionista com um peso abaixo do limiar considerado saudável, assim estava com princípio de anorexia nervosa. Não obstante, a paciente não trazia questões relacionadas a uma distorção da imagem corporal, como se espera de uma anoréxica. A mesma afirma que não consegue comer.

Outro ponto de sua infância que relata é que desde muito pequena pedia a mãe para fazer aulas de ballet clássico. A mãe atende a seus pedidos anos depois quando ela completa oito anos, pois acreditava que antes ela não saberia lidar com a disciplina que o ballet requer. Ao longo do período que estava em acompanhamento psicológico faz um teste para fazer parte do corpo de baile de um famoso musical, porém não é aprovada. O que entra como mais uma perda que lhe deixa ainda com menos vontade de comer, de acordo com a mesma.

Uma outra perda que também entra nessa cadeia, é a perda da OAB que ocorre em seguida a descrita anteriormente e a faz se sentir ainda mais frustrada, já que o direito é a segunda paixão.

Durante esse período R. tem seu primeiro encontro com a feminilidade/sexualidade. R. relata que foi em uma festa da faculdade e teve relação sexual pela primeira vez com um rapaz que conheceu naquela noite. Diz que tentou entrar em contato com ele posteriormente, mas o mesmo não respondeu suas mensagens nem atendeu sua ligação. Nesse momento de tentativa de reconhecimento de seu desejo, no momento do seu “tornar-se mulher” se depara com mais essa perda, frustração. Algo que escapa do seu ideal de bailarina, filha e estudante perfeita, quando escolhe transar com um rapaz que acabou de conhecer em uma festa (um desconhecido) e que não lhe responde.

A neurose instala o sujeito no sintoma, porque o sintoma também faz isso, dá suporte e sustentação ao inarticulável. Para cada sujeito o sintoma suporta o real impossível de suportar. Quando alguém resolve procurar um psicanalista é porque seu sintoma perdeu a função de preservar da angústia.

Como no caso relatado acima, o princípio de anorexia, enquanto sintoma no corpo, diz de uma tentativa de separação dessa mãe mas se teme a mesma. Nessa ambivalência, o sintoma no corpo aparece como um meio de instaurar a falta que não foi possível pela via simbólica e se faz pelo real do corpo através do ato de não comer. Assim, a recusa em satisfazer a demanda da mãe busca que esta deseje para além dela, para que a constituição do seu desejo possa ser possível. Porém, preocupada com a saúde da filha, a mãe lhe sufocava ainda mais.

Uma outra forma de lidar com esse real impossível de suportar é pela via da transferência, em um processo de análise. Onde o sujeito pela via do simbólico (fala) pode ir dando um contorno a isso que lhe angustia. É com o sintoma que uma experiência de análise começa. A análise se dá, não sem angústia, na direção de abrir o invólucro formal do sintoma, ou seja, abrir a resposta à qual ele dá consistência afim de apontar para a questão que o sujeito pretendia responder por meio dele. Para tal, se transforma o sintoma em questão pela via da transferência, da suposição de um saber no analista.

Por fim, uma direção clínica é viabilizar que está dor que está emudecida e atuada possa ter uma inscrição, uma representação. Que esse vazio consiga adquirir um contorno e o saber sobre si possa ser simbolizado, através da construção de uma narrativa que permite falar dessa falta, que permite ao sujeito escrever/inscrever sua história. Nesse processo, o sintoma entra em questão para fazer o sujeito produzir a resposta do seu desejo, o enigma que o move. O que o ser humano ganha com isso? Travessia.